

Projeto



BOLETIM MULHERES, JOVENS E GRIÓS

# CONECTANDO OS MOVIMENTOS DAS MULHERES NEGRAS

Edição No 6 - Dezembro, 2023



Quem eu sou e quando  
me descobri uma mulher  
negra?

Páginas 6 a 9

O movimento das  
mulheres e a dinâmica  
das bolas

Páginas 10 a 13

Mulheres  
negras, latinas e  
caribenhas

Páginas 14 a 17

Realização



Apoio



Parceria





## Editorial

No dia 25 de julho é comemorado o **Dia Internacional das Mulheres negras, latinas e caribenhas**.

Essa data, ratificada pela ONU, tem como objetivo lembrar a luta e a resistência contra o racismo, o machismo, a violência e o preconceito dos quais ainda somos vítimas.

Já tínhamos o Dia Internacional da Mulher, mas era necessário um dia da mulher negra, pois visa dar visibilidade às mulheres afrodescendentes e promover políticas públicas que ajudem a melhorar a qualidade de vida e erradicar a discriminação.

*“A gente não vai negar o 8 de março, que tem uma luta histórica, mas julho é o mês das pretas. Jovens estão sendo educadas com uma cabeça muito diferente de mim e da minha avó, que naturalizamos muitas violências: do homem como superior, do corpo feminino que pode ser sucateado. E vemos isso nas músicas, em programas de televisão, em histórias infantis. Então olhar para isso e entender nos-*

*so lugar nessa relação é fundamental.”* (Mônica Ferreira)

### **Você conhece Tereza de Benguela?**

No Brasil, Tereza de Benguela é a grande homenageada deste dia. Líder quilombola, ajudou comunidades negras e indígenas na resistência durante o período de escravidão. Após a morte do marido, Tereza assumiu o comando do Quilombo Quariterê e o liderou por décadas. Ficou conhecida por sua visão vanguardista e estratégica. Sob sua liderança, em sua comunidade, era cultivado o algodão, plantações de milho, feijão, mandioca, banana, entre outros.

Neste 25 de julho de 2023, mulheres agricultoras urbanas de diferentes localidades da região metropolitana do Rio de Janeiro, se encontraram para celebrar, refletir e trocar sobre essa data tão importante. Convidamos a todas a viverem um pouquinho do que foi esse dia tão especial com a gente.

Boa leitura



### Conhecimentos compartilhados por:

**Instituto Aldeia Iyá Omi**  
Mônica Ferreira

**Verdejar Socioambiental / Arranjo Local da Serra da Misericórdia**  
Adriana Regina, Josefa Santos, Larissa Cristina

**Pilar, Duque de Caxias**  
Hely Passos Felício, Janete Passos, Vanessa Negreiros

**Univerde**  
Marcela Ferreira, Maria de Fátima Conceição, Rosa Gonçalves, Rosinéia Soares, Talita Perciliana

**Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM) / Arranjo Local da Penha**  
Evelin Dias, Manuela Santos, Maria Luisa Santos

**Mulheres de Pedra**  
Anny Racca, Aurora Liz, Glauca Cardoso, Jéssica Wuiner, Jorgete Barbosa, Leila Netto, Lívia, Nair Maria Silva, Yasmin

**Rede Carioca de Agricultura Urbana**  
Bernadete Montesano

**GT Mulheres Programa de Agricultura urbana da AS-PTA**  
Kizzy Martins, Larissa Cabral, Letícia Ribeiro, Mariana Portilho

**Facilitação Gráfica**  
Bianca Santana

**Diagramação**  
Gabriel Amorim

**Imagens**  
Ana Letícia Daflon

**Revisão**  
Yasmin Abreu

**Coordenação Editorial**  
Mariana Portilho



# Quem eu sou e quando me

# descobri uma mulher negra?\*

“Nunca teve um momento que eu não soubesse que era negra. Sou de uma família majoritariamente negra e de casais afrocentrados. Quando criança, estudei em uma escola particular. E como uma das poucas crianças negras da escola e que tinha o cabelo natural, era apontada como que tinha o cabelo “tonhonhoim”, “de bombril”. Então nunca tive dúvida. Mas meu cabelo não é ruim, ele é só um tipo de cabelo e é maravilhoso. É libertador poder dizer que meu cabelo é maravilhoso hoje, porque eu lembro que o que eu mais esperava na minha infância era quando eu fizesse 11 anos para que a minha mãe deixasse eu colocar química e mudar o formato dele, mudar a textura. Eu usava tranças na escola e meu apelido na escola era Tracinha porque eu fazia tranças em mim e nas minhas coleguinhas brancas de cabelo liso. E eu não conseguia ver beleza nisso naquela época. Então poder dizer que o meu cabelo é lindo como ele é hoje e usar meu cabelo como ele é hoje, sem ter vergonha, com orgulho, é muito importante. Como é importante ter esse caminhar e poder olhar pra gente com carinho e ver beleza na gente, quando a sociedade fala o tempo todo que a gente não é referência de beleza”.



**Leticia Ribeiro**

“Nasci negra, filha de mãe branca com pai negro. Fui educada em escola de descendentes de italianos, tem noção? Então até os professores falavam “neguinha, vem cá”. A resposta era sempre grotesca. Mas sou muito feliz por ser negra. Mãe de filhos negros, irmã de negros e tenho uma grande amizade com negros. Conheci essa grande comunidade de mulheres negras e estou feliz por estar aqui.”



**Talita Perciliana**

“Lá em casa somos nove, eu, meu pai, minha mãe, cinco irmãs e um único irmão menino, até brincamos que é a casa das sete mulheres. E eu tenho muito orgulho do meu sobrenome Negreiros por representar mesmo a negritude. Por parte paterna a minha avó é negra e pela parte materna meu avô também e eu nunca me escondi, nunca tive vergonha. Mas sabemos como é difícil ser negra filha de pais brancos em nossa sociedade, porque sempre te colocam em dúvida, te questionam de quem você é filha. Dizem que você não pode pertencer aquela família, pelo fato de ser negra e ter pais brancos. A gente ouve o ditado ‘a coisa tá preta’ e associa com algo ruim. Mas não, se a coisa ‘tá preta’, então é porque a coisa está boa! Se é preto, então está bom!”



**Vanessa Negreiros**

“Somos irmãs e filhas de uma mãe indígena, com um pai negro, Leoides e Manuel. Somos também sobrinhas da Potira Guajajara. É um prazer estar aqui, porque por mais que eu seja indígena, é muito difícil você falar de qual raça você é porque para se aceitar é difícil. Estou de chapinha, mas meu cabelo também é crespo. Então foi muito difícil para mim também na escola me aceitar. Mas hoje eu sou feliz comigo e com o meu cabelo. E escutar as histórias de vocês está sendo incrível. Eu vim porque queria me reconectar com minhas ancestrais. Saber mais sobre vocês e sobre as mulheres pretas. Como vocês são fortes, né?”



**Maria Luiza e Manuela Santos**

“A gente começou a falar da nossa relação de mulher negra (em Mulheres de Pedra). Eu fui contar a minha história e foi naquele dia que eu realmente me afirmei como mulher negra. Porque até então eu vivia num mundo de mãe e família que se consideram brancas. Ninguém é branca lá. Mas se consideravam brancas e eram racistas porque tinham cabelo liso. Eu era a única que tinha o cabelo “duro”. Minha mãe me obrigava a alisar o cabelo e eu chorava dia e noite, odiava que ela fizesse isso. Eu tinha 9, 8 anos. Eu chorava no cabeleireiro, sentava na rua, na calçada e chorava. E fui negando sempre, vivia numa família que não sabia se era preta, branca, o que que era afinal de contas. E eu sempre achava que não sabia da minha identidade. Mas naquele dia conversando eu falei: “Não. Eu sei e sempre soube que era uma mulher negra e uma mulher de muito poder.” Sempre fui muito combativa com a minha família. Convivi muito com a discriminação dentro da minha própria família. Mas isso também me deu força. No momento era triste, eu chorava. Eu tinha todos esses sentimentos dentro de mim, passei anos com esses sentimentos. Mas foram todos esses sentimentos e todo esse ver, amando a minha família e amando cada vez mais, é que eu digo que o amor é o que realmente mantém um ser vivo, forte e potente. E eu fui me potencializando cada vez mais enquanto uma mulher negra e me assumindo cada vez mais para a família, me colocando mais. E hoje eu cheguei até onde cheguei: 23 anos de Mulheres de Pedra, fazendo arte, cultura, artesanato, sendo uma mulher doadora e co-criadora.”



**Leila de Souza**



**Josefa Santos**

“Também me considero negra, apesar de ser parda, né? Eu nem sabia, achava que era branca, mas a verdade é que sou parda. Meu pai também era puxado ao negro, minha mãe é que era branca. Mas eu também me considero negra. Sou muito grata por participar aqui deste evento e desta data comemorativa.”



**Kizzy Martins**

“Não teve um momento na minha vida que eu não soubesse que sou mulher negra. E eu sei que Martins é um nome que um senhor de escravos que deu à minha família. Mas eu carrego ele porque é o sobrenome da minha avó, da minha mãe, que sempre lutaram pelas questões de raça e gênero. É o sobrenome das minhas tias, de uma família preta que sempre trabalhou muito e sempre priorizou a igualdade de nós mulheres e pessoas pretas.”

“Tenho mãe branca e pai escuro. Somos 15 irmãos, tem uns branquinhos, outros mais escuros que nem eu. Me considero negra, não posso me considerar de outra raça. É a natureza da família.”



**Rosinéia Soares**

# O movimento das mulheres e a dinâmica das bolas

“EQUILIBRAR MOVIMENTO E REPOUSO É IMPORTANTÍSSIMO PARA QUE A GENTE NÃO ADOEÇA. A VIDA EM MOVIMENTO CONSTANTE TAMBÉM GERA ADOECIMENTOS. É PRECISO DESCOBRIR QUAL É O NOSSO RITMO, E QUAL É O NOSSO CAMINHO”.



Nair Maria Silva



Yasmin



Aurora Liz e Jéssica Wuiner



“COLETIVIDADE: VOCÊ TEM QUE SEGURAR A SUA BOLA MAS TAMBÉM OLHAR AS DAS COMPANHEIRAS”



Ana Letícia



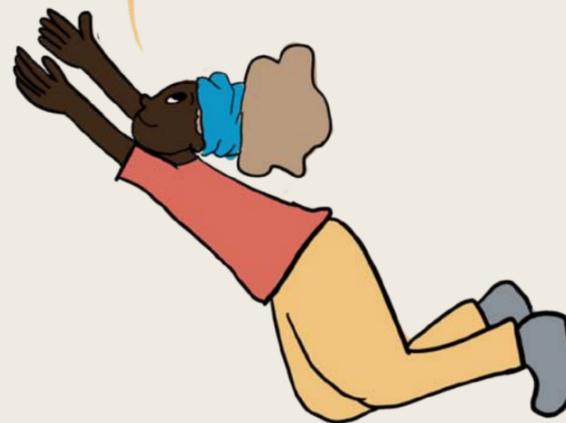


Anny Racca

“ACHEI A BRINCADEIRA COMO SE FOSSE O MEU DIA-A-DIA. CUIDA AQUI, CUIDA ALI. ISSO É A MINHA ROTINA. E AINDA DURMO PENSANDO QUE O OUTRO DIA SEJA MELHOR”



“MANTER A ESPERANÇA DE NÃO CAIR”



Adriana Regina

“NÃO SOMOS IGUAIS, NÓS TEMOS RITMOS DIFERENTES. CADA UM TEM SEUS PRÓPRIOS MOVIMENTOS.”



Mariana Portilho



Yasmin Abreu

# Mulheres negras, latinas e caribenhas

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.” Angela Davis

Para você, o que essa frase significa?



Evelin Dias



Hely Passos



Larissa Cristina



Livia



Janete Passos



Jorgete Barbosa





**Mônica Ferreira**

“É importante nos conectarmos com a ancestralidade feminina”

“Todo esse trabalho é para que a base da estrutura se movimente. E essa base precisa se movimentar! A lógica que a gente vê na periferia é a manutenção da base, para que ela fique fixa: bisavó escravizada, avó empregada doméstica, mãe empregada doméstica, filha empregada doméstica. Mas se essa base se movimenta, mexe todas as estruturas.”

“A gente tem que estar muito atenta porque vira e mexe a gente reproduz falas racistas sem saber. Não estou dizendo que quem disse é racista, mas a gente reproduz. Porque é uma coisa que está muito implícita dentro da nossa sociedade. Mesmo sendo negros ou não negros, a luta antirracista tem que nos movimentar. Conhecer e defender o que é nosso é importante. E é importante dizer que nós não somos iguais. É só olhar aqui. Pessoas podem ser semelhantes, mas não são iguais. Somos de etnias diferentes.”

“É importante perceber que nós não somos iguais, senão a gente diminui a luta de hoje. Senão quem sempre vai perder é o negro. Não somos iguais, somos diversos! Se a gente não luta pela diversidade, a gente cai num lugar do instagramável, do igual, do comercial.”

“Cada uma na sua forma de ser e fazer está movimentando uma comunidade. Seja na sua própria casa, seja no entorno, a mudança vai acontecer. O inconsciente coletivo faz um processo de mudança muito grande quando é a partir do feminino.”

“Como eu estou me movimentando? Como estou fazendo com que minha vida se movimente num processo de romper com as opressões do machismo e do racismo?”

“Vida sem movimento é vida inerte, vida em depressão, é um corpo com uma mente adoecida. Mas vida em movimento constante também é adoecimento. Para encontrar esse equilíbrio, o autocuidado oferece esse lugar de “Qual é o meu ritmo? Qual é o meu tempo? Como é que eu caminho?”

“Importância de se perceber única e do entendimento de que não somos todas iguais, porém podemos estar caminhando juntas para atingir um objetivo maior.”

“Olhar para a história é importante para que a gente se fortaleça no coletivo e não só individualmente.”



**Larissa Cabral**



**Maria de Fátima Conceição**



**Marcela Ferreira**



**Rosa Gonçalves**

Dá licença é, dá licença. Às donas da casa, peço licença para entrar!

A Coletiva Mulheres de Pedra



Um agradecimento pelo apoio a Coletiva Mulheres de Pedra e as seguintes pessoas:



**Daiane Aparecida  
Marino Nava**



**Jônatas Miranda  
da Silva**



**Adriano Mendes**

## Realização



Mandala Verde  
FITOCOSMÉTICA ARTESANAL

## Apoio



## Parceria

